

ALTA DO IOF NÃO DEVE REDUZIR GASTOS DE TURISTAS NO EXTERIOR

PARA EVITAR O AUMENTO, ALTERNATIVA É DECLARAR DINHEIRO EM ESPÉCIE. ENTRETANTO, É PRECISO CONHECER AS REGRAS DO PAÍS A SER VISITADO

Entraram em vigor desde o fim do ano passado novas alíquotas de Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para saques em moeda estrangeira, uso de cartões de débito no exterior, compras com cheque de viagens e cartões pré-pagos. A alíquota passou de 0,38% para 6,38%, igualando-se à cobrada sobre os gastos feitos com cartões de crédito no exterior.

A alta do IOF, embora encareça as compras, não deverá reduzir a disposição do consumidor brasileiro em gastar no exterior. De janeiro a novembro de 2013, foram US\$ 23,125 bilhões, montante 1,025% maior do que o registrado no mesmo período dez anos antes. Na comparação com os 11 meses de 2012, o crescimento foi de 14%.

A maior alíquota do IPI deve contribuir com os ajustes fiscais necessários para que o

governo equilibre as contas públicas, pois o aumento da arrecadação com mudança do IOF é estimado em R\$ 552 milhões por ano.

Com a nova medida, a alternativa para o consumidor pagar menos impostos é levar dinheiro em espécie ao exterior, já que a tributação do IOF para essa modalidade continua em 0,38%, porém devem ser observadas algumas regras. A Receita Federal informa que o turista que entra ou sai do País com mais de R\$ 10 mil em moeda nacional ou estrangeira deverá comparecer à fiscalização aduaneira para que seja feita a conferência, bem como realizar a declaração pela internet. É importante também verificar as regras dos países que serão visitados para saber quais são as restrições ao porte de dinheiro em espécie. [&]



pág. 02 TRIBUTAÇÃO

Linha branca continua com alíquotas reduzidas



pág. 03 GESTÃO

Empresas reduzem exigências para contratação



pág. 04 CENÁRIO

Investimento conservador é a melhor opção para 2014



MÃO DE OBRA QUALIFICADA É UM RECURSO ESCASSO

COM DIFICULDADE PARA CONTRATAR, EMPRESAS ADOTAM PRÁTICA PREOCUPANTE: REDUZIR AS EXIGÊNCIAS PARA OS CANDIDATOS, NA TENTATIVA DE PREENCHER AS VAGAS



Desde meados de 2013, nota-se a disposição do governo em atrair investimentos privados em setores estratégicos, como rodovias, ferrovias, portos e aeroportos.

Além das carências e deficiências observadas nesses setores, que constituem gargalos ao setor produtivo, outras dificuldades complicam o cenário, a exemplo do baixo desemprego e da falta de qualificação da mão de obra, que impõem limites à atividade empresarial.

A ausência de mão de obra qualificada é um entrave sem perspectiva de reversão

no curto e no médio prazos, como mostra pesquisa da Fundação Dom Cabral realizada em grandes empresas: 91% delas declararam dificuldades em contratar profissionais capacitados para determinadas áreas ou funções específicas.

Tão ou mais preocupante é o crescente número de empresas que estão reduzindo exigências nas contratações diante da dificuldade em preencher as vagas: para funções de nível técnico, 60% das empresas admitiram a prática, ante 54% na pesquisa de 2010; para

vagas de nível superior, 45,5% reduziram as exigências, frente a 28% na pesquisa anterior.

O cenário aponta a necessidade de políticas públicas integradas e complementares, de forma a priorizar os investimentos em educação; estimular o desenvolvimento científico e tecnológico; aumentar o volume de recursos para financiamento e/ou subvenção de programas de inovação; e criar cursos profissionalizantes a partir de critérios técnicos, nos moldes desenvolvidos pelas entidades privadas do Sistema S, como Senac e Senai. [8]



CERTIFICADO DE ORIGEM FECOMERCIO-SP. MAIS PRATICIDADE E RAPIDEZ NA HORA DE EXPORTAR.

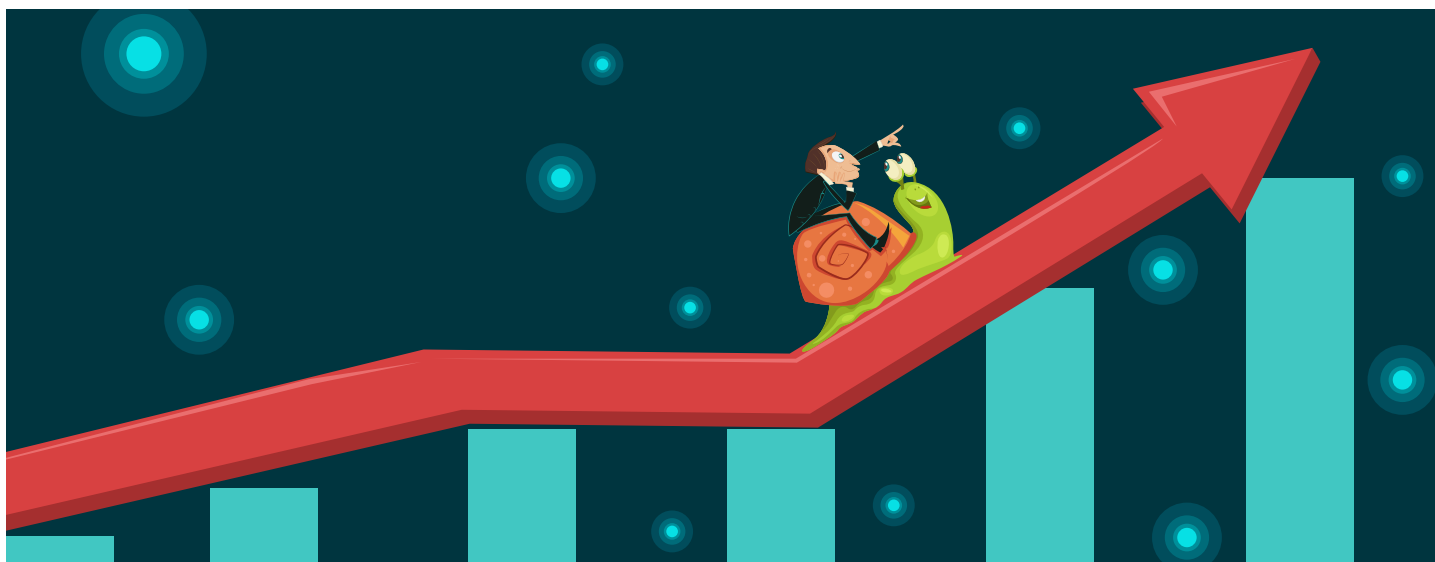
Siga o melhor rumo para seus negócios no exterior. Obtenha seu Certificado de Origem na FecomercioSP de maneira prática, rápida e segura, com as melhores condições do mercado.

Mais informações, ligue (11) 3254-1652/1653 ou envie e-mail para certificado@fecomercio.com.br

Rua Dr. Plínio Barreto, 285 – térreo
9h às 12h30 / 14h às 17h30

RENDA FIXA É A MELHOR OPÇÃO DE INVESTIMENTO PARA 2014

COM OS INDICADORES DE INFLAÇÃO, DÓLAR E JUROS EM ALTA, A RECOMENDAÇÃO DOS ESPECIALISTAS É MANTER O CONSERVADORISMO E ACOMPANHAR O DESEMPENHO DA ECONOMIA



Este não será um ano fácil para a economia brasileira. A rigor, será difícil principalmente para o setor produtivo. Não obstante os problemas de infraestrutura, a elevada carga tributária tende a se acentuar e os custos da mão de obra vão continuar subindo acima da produtividade do trabalho. Ou seja, o Brasil continuará perdendo competitividade para outros países que promoveram reformas, reduziram o tamanho do Estado e da carga tributária e diminuíram a burocracia. Países como México, Peru, Chile, Colômbia, Índia e mesmo a China estão trilhando esse caminho, uns há mais tempo do que outros, mas todos na mesma direção.

Tudo isso para situar o que deve ser o ano e, portanto, como devem reagir os setores financeiros a esse quadro ruim para o setor produtivo. Dificilmente se pode apostar em uma recuperação das empresas listadas em Bolsa (o Ibovespa), apesar de baixo, não será muito promissor em 2014

– o mesmo deve ser esperado em 2015, pois o ano que vem será certamente de muitos ajustes. Apostar no dólar também parece arriscado. A moeda americana chegou a ser cotada abaixo de R\$ 1,60 em 2013, mas começa neste ano por volta de R\$ 2,35. Ou seja, quem apostou na desvalorização do real a partir da primeira metade de 2013 se deu bem, mas, neste momento, dificilmente o Banco Central deixará a moeda nacional se desvalorizar tanto.

Assim, a renda fixa de curto e de longo prazos parece ser a melhor aposta. A taxa de juros básica (Selic) alcançou média próxima de 9,5% em 2013 e deve ficar muito próxima de 10,25% neste ano, o que pode ser considerado muito bom pelo baixo risco embutido nessas apostas em títulos do governo e de bancos de primeira linha. Para aqueles que apostam que o governo não conseguirá controlar a inflação, há a opção da compra de títulos que podem render algum adicional de juros. Uma boa alternativa aos investido-

res é acompanhar semanalmente o relatório Focus do Banco Central. O documento traz as principais apostas dos melhores analistas de mercado para câmbio, juros e inflação.

Analisando de perto as projeções do boletim Focus para 2014, as expectativas apontam para um ano de inflação ainda elevada, ao redor de 6% (pouco maior do que os 5,91% de 2013), juros básicos em 10,25% e dólar a R\$ 2,45 no fim de dezembro deste ano (indicando variação inferior a 4% em relação ao fim de 2013, quando o dólar fechou em R\$ 2,36). Portanto, o mercado prevê que apostas em títulos de renda fixa ou vinculados à inflação serão os ganhadores de 2014

Este ano será muito parecido com 2013, porém, com vários eventos no meio: Carnaval tardio logo seguido pela Copa do Mundo, que terminará em ritmo de eleições presidenciais e de governadores. Neste cenário, o conservadorismo tende a ser a melhor estratégia. [&]